



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

O artífice do belo e a eterna Beleza

Cláudio Pastro, o grande artista sacro brasileiro, morreu há 10 anos, em 19 de outubro de 2016. Sua obra representa a grande síntese entre a Tradição cristã dos primeiros séculos, resgatada pelo Concílio Vaticano II, e a arte moderna latino-americana, testemunho da forma como os homens e mulheres de nosso tempo encontraram o “Deus da beleza”. Em seu túmulo, no Mosteiro Nossa Senhora da Paz, está escrito: “O artífice do belo foi encontrar-se com a eterna Beleza”. O texto a seguir foi escrito por ele para o livro Arte sacra.

Redação

É impossível separar a Beleza do Sagrado; e impossível separar a Beleza do Mistério.

A Beleza denuncia que a vida está inserida “em outra coisa”, que o imediato é sempre um sinal visível de uma presença invisível e vai muito além de nossas capacidades humanas de compreensão, além do horizontalismo a que o pragmatismo da nossa civilização se submeteu.

Nenhuma religião e cultura desenvolveu tanto a arte nesses 2.000 anos como o Cristianismo. Mesmo quando a arte deste último século (tanto na poesia e música quanto na plástica) quis seguir o seu próprio curso, ela nunca poderia esquecer que é fruto de um refinamento e liberdade oriundos das celebrações e da doutrina cristã.

Muito além da mera realidade, esta arte sempre apontou o gosto pela vida e teve seriedade ao afrontá-la.

A arte é a única linguagem universal do homem. Nela não há fronteiras nem espaço nem limite de tempo, língua ou cultura. É, naturalmente, a linguagem religiosa do homem.

A arte fala do Ser do homem.

Os cristãos sempre valorizaram as artes e os artistas. Foi em seus mosteiros que as artes e as ciências se desenvolveram.

Na história da cultura cristã, a arte enalteceu o trabalho cotidiano muito além das meras expectativas de produção.

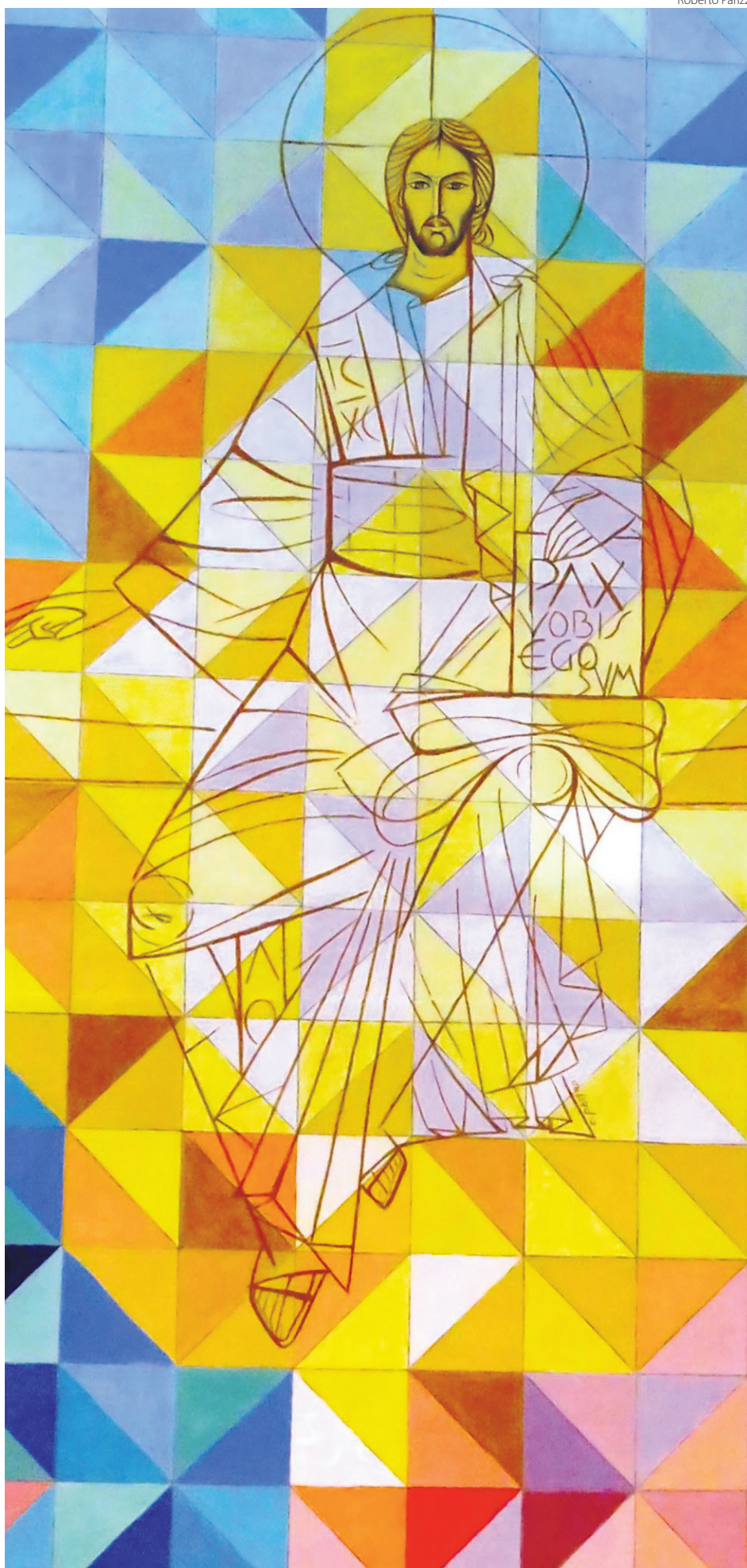
Sempre que os interesses individuais dividiram os povos, a arte cristã ultrapassou fronteiras refletindo a unidade de seu Deus e constituindo, assim, o Ser desses mesmos povos.

Como exemplo, temos a arte bizantina na formação do oriente cristão, a arte românica na formação europeia e o barroco na formação do ser latino-americano.

A Iconografia cristã. A questão da “imagem” é fundamental na ética cristã e a estética não é um simples capricho do belo pelo belo.

Em uma obra ou em um edifício cristão existe todo um universo muito eloquente. O altar, as torres, as cúpulas, os vitrais, as pinturas não estão aí por acaso e ao acaso.

Forma e conteúdo se complementam. Para os Padres da Igreja, assim como para os últimos documentos



Cláudio Pastro, *Pantocrator*, Abadia de Santa Maria (2012)

conciliares, Jesus é a “imagem visível do Deus invisível”, o “homem perfeito no qual Deus se revela”.

O evangelho segundo São João, o evangelho da Beleza, mostra-nos o

Novo Adão no qual Espírito e Gestos formam uma só vontade do Pai – “Quem me vê, vê o Pai”. O que Jesus diz belo, Ele faz belo.

Assim como o Criador ama a sua

criatura e toma a imagem humana, definitivamente, se encarnando em Jesus, assim os cristãos estão cômicos de que uma obra de arte é uma imagem gratuita e lugar de contínua revelação sacramental, pobre matéria escolhida pelo Mistério[...]

A grande função da arte no Cristianismo, mais do que ser simplesmente um meio didático, foi, é e há de ser “porta e ponte” para o Mistério no qual se passa do belo contemplado ao belo vivido.

O céu na terra. O mistério pascal é celebrado há 2.000 anos, diariamente, pelos cristãos. É uma tradição litúrgica. É o rito realizando gestos passados e futuros.

Tradição vem de *tradere* e significa “entregar”. O que é a liturgia eucarística senão a “entrega” que Deus faz de si mesmo, de sua vida, e isso de geração em geração?

O lugar da celebração cristã é o lugar da antecipação da vida eterna, é o lugar do Perdão, é o lugar da Beleza. Aí o cristão recebe a vida, aprende a transfigurar o mundo, a amá-lo e a não violentá-lo. Aí o cristão renasce embora sendo “velho”.

O espaço sagrado não é qualquer espaço. É o céu na terra[...]

A arte sacra nasce da celebração objetiva do mistério da Igreja. A arte sacra não é só experiência subjetiva como se o artista fosse um super-homem. O homem cristão sabe-se parte de um único e belo Corpo Místico, o Corpo de Cristo.

O artista cristão é um entre tantos ministros na sagrada liturgia e está a serviço da Igreja. A arte nasce, assim, de um gesto de celebração.

A arte é síntese de um tempo, de um movimento, de uma profecia e chama-nos, orienta-nos para os valores do Espírito.

Aí está a sabedoria da cultura cristã: apontar com uma obra de arte (parte da Palavra feita Carne) novos rumos para a própria fé cristã, às vezes adormecida em seu próprio tempo.

Trechos de PASTRO, Cláudio. *Arte sacra*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.





Cláudio Pastro: a riqueza da Tradição encontra a arte contemporânea

Uma obra destinada a permanecer como marca da Beleza no contexto cultural de nossa época.

Redação

Quem entra pela primeira vez em uma das igrejas decoradas por Cláudio Pastro costuma ter uma sensação ambígua. As cores são vibrantes – ouro, branco, azul profundo; a luz é calma; o silêncio é convidativo. Mas, para o público habituado à estética barroca ou neoclássica de nossas igrejas, há algo estranho: os rostos das figuras não expressam sofrimento nem êxtase, os corpos aparecem simplificados, com traços quase infantis, não obedecendo à perspectiva tradicional. Contudo, aqueles acostumados com os grandes mestres modernistas, como Di Cavalcanti ou Portinari, ou com os ícones e afrescos dos primeiros séculos do Cristianismo perceberão um diálogo entre experiência mística e visão estética.

Pastro não fazia arte religiosa devocional – aquela que busca comover pela beleza humana e realismo, popularizada no mundo católico a partir do Barroco. Fazia arte de culto, que visa a apontar para o Mistério. O fiel deve encontrar não suas dores retratadas, mas aquele totalmente Outro, trazido para a objetividade luminosa do Amor. O artista, com sua sensibilidade e capacidade, não é o criador da obra, mas



Cláudio Pastro, *São Bento e Santa Escolástica*. Desenho sobre concreto, Igreja Abacial do Mosteiro Nossa Senhora da Paz (1984)

apenas o instrumento pelo qual esse Outro doa sua beleza ao mundo. O fiel, ao contemplar a obra, mais do que ver suas dores, sofrimentos e esperanças retratadas em Cristo ou nos santos, deve encontrar este totalmente Outro, que não responde mergulhando o crente na própria subjetividade, mas trazendo-o para fora, para a objetividade luminosa do Amor.

A arte de Pastro, para surpresa de muitos, é ainda mais tradicional do que a arte devocional, deitando raízes nos primeiros séculos do Cristianismo. Seu trabalho nasceu da escuta ao Concílio Vaticano II, que pediu à Igreja um retorno às fontes originais da fé. A arte moderna, ao abandonar a estética renascentista, deu a ele o ambiente ideal para essa recuperação. Em suas obras, o ícone dos primeiros séculos e da tradição católica oriental, com sua imagem repleta de simbologia, que abre uma “janela para o Mistério”, se encontra com a cor pura, chapada e as formas reduzidas a traços essenciais da vanguarda modernista. Ele sabia que o realismo mostra a capacidade do artista, mas o símbolo remete àquilo que transcende o humano.

A trajetória percorrida. Cláudio Pastro evolui de uma criação que lembra a arte moderna primitivista para outra que se aproxima cada vez mais da solenidade



tranquila, que remete ao sagrado, dos ícones dos primeiros séculos. O simbolismo não muda, ainda que se torne mais diversificado e requintado, as cores permanecem vibrantes, porém o branco e o dourado, sinais da pureza e da luz de Deus, se tornam cada vez mais dominantes. Os materiais também mudam. A cerâmica das primeiras criações cede lugar ao azulejo colorido – que recupera a tradição azulejista ibérica, além de mais resistentes e duráveis.

Nas suas obras em cores, Cristo e os santos são morenos, como seriam os judeus sujeitos à inclemência do sol na Palestina dos tempos de Jesus; e como morena é a maioria do povo cristão brasileiro. Descendente de italianos de pele clara e olhos azuis, Pasto não era populista ou ideológico, mas sua arte era profundamente impregnada pelo contato com esse povo. O episódio mais clamoroso dessa imersão na sua gente aconteceu quando pintava a Basílica de Aparecida. Estava trabalhando em um painel quando chegou uma mulher simples que, com gesto acanhado, doou um envelope, dizendo: “Eis um pequeno dinheiro da venda de minhas galinhas e seus ovos, que juntei durante dois anos e que agora ofereço a Nossa Senhora”. Cláudio imediatamente a pintou entre os peregrinos, imortalizando sua fé e sua oferta simples, paradigma para todo um povo.

O olhar é um dos traços mais característicos de suas obras. Nos primeiros tempos, os olhos são grandes e abertos, como que cativados e fascinados pelo Presença diante deles. Mas, para quem acompanhou seus primeiros anos, quando se dedicava a trabalhos sociais na periferia de São Paulo, é difícil não reconhecer nestes rostos os olhos arregalados das crianças morenas da favela, que junto dele iam descobrindo a beleza do mundo... Posteriormente, os olhos vão ficando mais semelhantes aos dos ícones. Menos dilatados, igualmente atentos e

abertos ao infinito, continuam como “janelas que se abrem para o Mistério”, mas agora transmitem serenidade e paz, convidando a uma intimidade com Deus.

Na primeira fase, as mãos e os pés são caracteristicamente grandes. As mãos, frequentemente em posição de oração ou adoração, reforçam o vínculo sagrado, já presente no olhar – e permanecerão nessa postura também nas obras posteriores. Os pés indicam tanto o caráter peregrino da vida humana, que caminha à procura do Pai, quanto a missão do santo, que caminha no mundo para testemunhar Cristo a seus irmãos.

Figuras que refletiam a natureza e a cultura do povo brasileiro (como os grafismos indígenas, as formas africanas) eram frequentes em suas obras. Não se tratava de folclore ou exotismo. Era a convicção, profundamente ancorada na teologia, de que se Cristo assumiu a natureza humana, então toda cultura, toda expressão artística, pode ser assumida e transfigurada por Ele. Assim como a arte bizantina expressou a fé com o vocabulário greco-romano, a arte sacra brasileira deveria fazê-lo com o vocabulário cultural dos povos que formaram o Brasil.

Apesar da rica simbologia e do sofisticado diálogo com a tradição artística dos primeiros séculos e a arte moderna, a arte de Cláudio Pasto foi profundamente popular. Não usou os símbolos e cores de forma hermética, mas procurou aquilo que ia impactar a pessoa, ajudando-a a penetrar mais no Mistério, mesmo que sem uma reflexão intencional. Queria que sua obra fosse uma Bíblia *pauperum*, como eram chamadas as pinturas das igrejas medievais, pois apresentavam a Bíblia ao povo. Queria que a pessoa simples, mas de coração aberto, ao adentrar em uma igreja tivesse um vislumbre do Paraíso, uma intuição da Eterna Beleza que nos aguarda no Amor.

A simplicidade que conduz ao Mistério

As obras mostradas nestas páginas dão uma ideia da diversidade e da evolução da arte de Cláudio Pasto:

1. *A palavra se fez carne*. Incisão em couro (década de 1970). Foi transformada em cartão postal e amplamente reproduzida na Itália, na Alemanha e no Brasil.
2. *Mãe da Trapa*. Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo (Campo do Tenente/PR, 1983).
3. *Ressuscitou*. Detalhe de Sacrário em cerâmica, Mosteiro Nossa Senhora da Paz (Itapecerica da Serra/SP 1984).
4. *Fuga da Sagrada Família*. Detalhe de Painel, Igreja São José Operário (Jundiá/SP, 1994).
5. *A criação*. Detalhe do Painel A História da Salvação, Igreja do Colégio Santo Américo (São Paulo/SP, 1980–1982).
6. *Apresentação de Jesus no Templo*. Painel, Mosteiro do Encontro (Curitiba/PR, 1982).
7. *Sagrada Família*. Detalhe de Painel, Catedral da Sagrada Família (São Paulo/SP, 1997).
8. *O peregrino*. Estátua em metal (Rota de peregrinação em Weingarten, Alemanha, 2008).
9. *Maria com o Menino*. Painel, Mosteiro Nossa Senhora da Paz (Itapecerica da Serra/SP, 2001).
10. *Raboni* (Mestre, Jo 20,16). Cartão postal a partir de obra no Mosteiro Nossa Senhora da Paz (Itapecerica da Serra/SP, 2002).
11. *Cântico dos Cânticos*. Azulejo (São Paulo/SP, 2005).
12. *A vendedora de ovos*. Torre Brasil (Basílica de Nossa Senhora de Aparecida).
13. *Pantocrator*. Painel em azulejo, Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Osasco/SP, 2014).
14. *Pantocrator*. Detalhe do retábulo da Igreja do Mosteiro Nossa Senhora da Paz (Itapecerica da Serra/SP, realizado em 1984 e refeito em 2002, mostram a evolução da obra do artista).
15. *da Serra/SP, realizado em 1984 e refeito em 2002, mostram a evolução da obra do artista*.

Créditos: Acervo C.Pasto/Mosteiro Nossa Senhora da Paz, Francisco Borba Ribeiro Neto (1 e 11), Wikimedia (8), Padre Valdivino Guimarães, C.Ss.R (12) e José Roberto Kerr (15).

Um artista sacro na virada do milênio

Cláudio Pastro, o mais importante artista sacro moderno brasileiro, frequentemente listado entre os mais importantes da atualidade, foi saudado como o “Michelangelo brasileiro”.

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Cláudio Pastro (São Paulo, 15/out./1948 – 19/out./2016) foi uma pessoa excepcional, mas também representa bem o contexto eclesial e cultural em que se formou. Tinha uma personalidade profundamente mística, uma bondade que se doava a todos, era livre, alegre e expansivo, com uma mordacidade que lhe custou muitos desafetos. Graduado em Ciências Sociais pela PUC-SP, estudou Artes na Abadia Notre Dame de Tournay (França), no Museu de Arte da Catalunha (Espanha), na Academia de Belas Artes Lorenzo de Viterbo (Itália) e no Museu de Artes e Ofícios (São Paulo).

Criado no bairro do Tatuapé, em São Paulo, sua formação religiosa e litúrgica deve muito à congregação das Irmãs da Assunção, que o acompanharam da infância à juventude. Uma delas, Rosa Brambilla, apresentou-o a missionários do Comunhão e Libertação (CL) que trabalhavam, no início da década de 1970, em São Mateus, na periferia de São Paulo. Lá começou a atuar nas obras sociais da paróquia, que tinha algumas das Comunidades Eclesiais de Base mais ativas da cidade. Acompanhava principalmente as atividades artísticas, lúdicas e de artesanato.

Foi ali que Padre Francesco Ricci, um sacerdote italiano ligado ao CL, percebeu o valor de sua arte e o levou às primeiras exposições na Itália. Os recursos vindos da venda de suas obras conven-



Imagem: José Roberto Kerr

ceram-no de que poderia viver exclusivamente da sua arte. Nascia ali um artista *sui generis* em nosso tempo, que via sua obra exclusivamente como serviço à Igreja. No início, não queria nem mesmo assinar suas obras, pois as considerava destinadas a Deus e fruto da graça de Deus, não de seus méritos artísticos.

No final da década de 1970, morou, com missionários do CL, na Casa Cultura e Fé, sede, na época, da Pastoral Universitária da Arquidiocese de São Paulo. O carisma monástico beneditino já o interessava há muito, mas foi nessa época que conheceu o Mosteiro Nossa Senhora da Paz, então uma recém-fundada comunidade de monjas beneditinas que, no meio da Mata

Atlântica, em Itapeverica da Serra (SP), buscava uma experiência monástica mais fiel ao retorno às fontes proposto pelo Concílio Vaticano II. A superiora da comunidade era Madre Dorotéia Rondon Amarante, mulher de forte sensibilidade artística e de uma fé centrada no Mistério, sem qualquer traço devocional. Foi a mentora que o acompanhou a partir daquele encontro e o levou a tornar-se oblato do Mosteiro, com o nome de irmão Martino.

Na Casa Cultura e Fé, descobriu uma outra faceta de sua vocação: o mestre que ensinava a aprofundar o encontro com Cristo por meio da beleza. Aos poucos, esse outro lado foi

ocupando cada vez mais sua vida profissional. Tornou-se uma referência para a arquitetura católica brasileira, por suas reflexões sobre o “espaço sagrado” e pelos ensinamentos que distribuía com prodigalidade entre artistas mais jovens.

Foi convidado pela Santa Sé a criar uma obra para as celebrações do Jubileu do ano 2000: o Cristo Evangelizador do Terceiro Milênio, concebido em 1998 e exposto no Vaticano. Também nesse período, foi convidado a criar o programa iconográfico do interior do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, que se tornou sua maior obra.

Logo depois, um problema hepático levou-o ao coma e quase à morte. Fez um transplante de fígado e sofreu 51 intervenções em 13 anos, mas sobreviveu e teve o período mais fecundo de sua vida. Além de Aparecida, trabalhou em várias outras igrejas, deu cursos, escreveu e ilustrou livros, realizou obras em azulejo, criou objetos e vestes litúrgicas. Considerava que Deus, por intercessão de Nossa Senhora, lhe havia dado um tempo a mais para complementar sua missão artística.

Em setembro de 2016, finalizou o seu projeto para Aparecida, entregando os últimos desenhos que orientariam a continuação da obra. A doença voltou a atacá-lo. Morreu algumas semanas depois. Foi sepultado no Mosteiro Nossa Senhora da Paz, onde está o seu Memorial.

*Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Cláudio Pastro e a arte como linguagem do Mistério

A celebração do décimo aniversário de falecimento de Cláudio Pastro oferece a oportunidade ideal para reacender o diálogo sobre o sentido profundo do espaço litúrgico no Brasil. Assim, Edições Loyola apresenta uma nova edição do livro Guia do Espaço Sagrado.

Gabriel Frade*

Publicado originalmente em 1999, *Guia do Espaço Sagrado*, de Cláudio Pastro, surge agora com um novo projeto gráfico, pensado para proporcionar uma leitura mais fluida e acessível ao público brasileiro.

Ao longo de mais de duas décadas, esse livro consagrou-se como um marco na bibliografia dedicada à arte a serviço da liturgia e, longe de perder a atualidade, seu texto preserva a relevância para pesquisadores, arquitetos, liturgistas e apreciadores da arte cristã. Além disso, recomendar sua releitura é um convite a percorrer uma das trajetórias mais singulares da arte sacra brasileira contemporânea.

De fato, Cláudio Pastro dedicou boa parte de sua existência ao estudo e à criação artística no âmbito do sa-

cro à luz do Concílio Vaticano II, encarando seu trabalho não como mera ornamentação estética, mas como uma linguagem viva, capaz de traduzir visualmente e sinalizar o próprio Mistério da fé.

Nascido em São Paulo, ele teve, ao longo de sua formação, contato com diferentes tradições da arte cristã ocidental, o que lhe permitiu elaborar uma síntese original, profundamente marcada pela realidade brasileira.

Pastro procurou conjugar seus processos criativos a uma vida interior intensa, na qual o ato de desenhar ou projetar articulava-se diretamente à contemplação. Para ele, a arquitetura e a imagem eram desdobramentos diretos da meditação do Mistério Encarnado. Sob essa perspectiva, o invisível não reside em um plano abstrato ou inalcançável, afinal, o Deus que se fez carne tornou-se visível, tangível

e habitante do tempo, legitimando a matéria como veículo de graça.

É no centro dessa tensão entre o visível e o invisível que as páginas do *Guia* ganham forma. O livro, recusando a estrutura de um manual rígido de normas prescritivas, entrega ao leitor princípios e intuições destinados a educar o olhar e sensibilizar a alma.

A densidade do texto exige um ritmo lento de assimilação, que evoca a prática monástica da *ruminatio* (ruminação) e da *Lectio Divina* (leitura divina/espiritual): trata-se de ler, retornar, meditar e deixar a palavra fecundar a percepção. Esse método reflete a forte marca da espiritualidade monástica na vida de Pastro. Como oblato do Mosteiro Beneditino de Nossa Senhora da Paz, em São Paulo — onde repousam seus restos mortais —, ele absorveu a busca pela harmonia, o silêncio e o rigor da oração comunitária.

Passada uma década de seu falecimento, seu legado atesta que o espaço sagrado não é uma moldura passiva para a execução de meros rituais, mas sim o lugar de convergência entre a beleza, a liturgia e a busca do coração humano pelo Transcendente.

* Editor de Edições Loyola



PASTRO, C., *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Edições Loyola, 2026.